



Criticidade em relação às informações oferecidas pelas mídias sociais

Marcos Antônio Lorieri

Resumo

O texto apresenta considerações a respeito do impacto das mídias sociais na maneira de pensar e de agir das pessoas, chamando a atenção especial para a ampliação deste impacto com o advento da Inteligência Artificial (IA) e, ao mesmo tempo, indica a necessidade de as pessoas terem desenvolvido nelas um pensamento crítico capaz de ajudá-las no exame criterioso das informações que elas oferecem. Apresenta ainda alguns pontos de vista a respeito de entendimentos de pensamento crítico como componente necessária do pensar bem e indicações a respeito da necessidade da ajuda educacional para o seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Mídias sociais. Inteligência Artificial. Pensamento crítico. Educação.

Introdução

Informações sempre foram e continuam sendo necessárias. Nós humanos as temos buscado, ao longo da história, em muitas fontes. Na época atual as mídias sociais têm sido fontes poderosas delas, acompanhadas de facilidades cada vez maiores de acesso. Não por acaso, há disputas pelos meios de comunicação massiva de informações, vencidas, essas disputas, por grupos de interesses voltados a “dirigir” o maior número de pessoas a consumi-las como “guias” de suas ações, em especial as ações de consumo dos mais diversos bens ou do que pessoas consideram como bens. Consideração, esta, também “orientada” pelos conteúdos midiáticos.

O termo “mídias” é uma “tradução” do segundo termo da expressão em inglês “*mass media*” que significa meios de comunicação de massa.

Os meios de comunicação social de massa sempre foram necessários? Quem é ou eram a massa? Somos ou fazemos parte de uma massa? Normalmente, uma massa é informe e só ganha formas quando trabalhada na direção de certos formatos. Como na produção de pães. Há até “fôrmas” já prontas para que as formas desejadas sejam prontadas. Há “fôrmas” pensadas para formatar “massas” humanas?

Ao se denominar o conjunto de uma população de “massa humana”, ou de “massa social” e de se procurar oferecer certas informações orientadoras de como as pessoas desta massa devem se comportar ao, por exemplo, se vestir, se alimentar, ao falarem uns com os outros, a bucarem profissões, a conviverem socialmente, a escolherem candidatos para exercerem funções de governança etc. não está a ocorrer, também, a busca de dominação dos membros desta massa social? O que dizer, então, quando estas mídias de comunicação social, buscam induzir pessoas a pensarem de certa maneira, ao invés de outras ou, ainda, a pensarem buscando modelos prontos de pensamentos, ao invés de autonomamente os produzirem?

Para efeito dos objetivos deste texto, transcreve-se aqui, o seguinte conteúdo buscado e retirado do Google após ter colocado a pergunta: O que são *mass media*?¹

Mass media (mídia de massa) são os canais e tecnologias que transmitem informações, notícias, entretenimento e cultura para um público vasto e heterogêneo simultaneamente, abrangendo veículos tradicionais (jornais, rádio, TV, cinema) e digitais (internet, redes sociais, streaming) para **educar**, informar e entreter grandes grupos de pessoas. **Essencialmente, são ferramentas de comunicação que permitem que uma única fonte alcance milhões, moldando a opinião pública e influenciando o cotidiano.** (Negritos nossos).

Principais características:

- **Alcance Amplo:** Destinadas a atingir o maior número possível de pessoas de uma só vez, como uma grande audiência.
- **Tecnologias Diversificadas:** Incluem imprensa (livros, jornais, revistas), transmissão (rádio, TV), cinema e a internet/mídia digital.
- **Propósito:** Informar, educar, entreter e até mesmo **influenciar ideologicamente** ou comercialmente.

¹ Fonte acessada em 21/01/2025:

https://www.google.com/search?q=O+que+s%C3%A3o+mass+media%3F&rlz=1C1CHBD_pt-PTBR845BR845&oq=O+que+s%C3%A3o+mass+media%3F+&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIKCAEQABgKGBYYHjIKCAIQABiABBiiBDIHCAMQABjvBTIHCAQQABjvBTIKCAUQABiABBiiBNIBCjIxODcxajBqMTW oAgiwAgHxBQ2iQAtqqmLE8QUNokALaqpixA&sourceid=chrome&ie=UTF-8

- **Origem:** Começaram com a imprensa escrita, evoluíram para rádio, TV e cinema, e hoje estão fortemente integradas com a internet e plataformas digitais.

Função Social:

Os *mass media* são fundamentais na formação da cultura, na disseminação de informações e na criação de um senso de comunidade, embora também sejam **controlados por grandes conglomerados e possam ser usados para propaganda e marketing, influenciando comportamentos e visões de mundo em larga escala.**

Impacto:

- **Positivo:** Conecta pessoas, promove a conscientização, permite o compartilhamento de diversas perspectivas (ex: movimentos sociais).
- **Negativo:** Risco de **desinformação** (fake news), **manipulação**, **reforço de estereótipos e vieses**. (alguns negritos são nossos e outros no original)

Este texto quer propor e provocar para que as questões acima colocadas sejam retomadas (ou tomadas por quem nunca pensou a partir delas) acenando para a necessidade especial de as levarem em conta nas informações disseminadas pelos recursos da denominada Inteligência Artificial (IA), o mais recente recurso tecnológico de divulgação massiva.

1. Por que questões? Ou: por que perguntas? É importante saber perguntar?

Primeiro, pode-se responder, porque quando se recebe qualquer informação é necessário perguntar, ou se perguntar, se é uma informação verídica e com base em quê. Especialmente quando se trata de informação que se recebe sem se ter perguntado nada. Como é o caso das informações que são dadas a alunos nas escolas, ou nas igrejas, ou nos programas de rádio e de TV, ou pela internet (pelas redes sociais, pelas plataformas de IA), ou pelos jornais e revistas. O questionamento necessário é este: esta informação é verdadeira? Como saber se é verdadeira ou falsa? Qual é a base ou a prova de que é verdadeira?

Esta não é uma preocupação exagerada? Sim e não.

Sim se se trata de informações corriqueiras e que são sobre assuntos ou coisas que não trazem consequências prejudiciais. Não, se são informações que podem trazer consequências prejudiciais como indicação de alimentos que podem fazer bem à saúde, ou de uso de medicamentos (pois só pessoas com conhecimentos bem fundamentados podem ter, como médicos, por exemplo), ou de maneiras de pensar que podem levar as pessoas a agir prejudicando a si mesmas ou a outras etc. As

mídias sociais (ou redes sociais) podem oferecer informações não verídicas ou tendenciosas, como já dito acima.

Nas escolas, há o risco de haver informações erradas, seja por parte de docentes ou de livros didático? Sim: o risco há. Pequeno, talvez, mas há. Daí a importância de professoras (es) mostrarem ou dizerem para as alunas e alunos quais provas e argumentos garantem a veracidade das informações que estão transmitindo.

Seria isso pedir demais? Pode não ser para quem, ao se tornar docente, adquiriu o hábito de questionar as informações que recebeu/aprendeu em sua formação e pratica este hábito ao analisar as informações que estão nos conteúdos que planejam “transmitir” ou nos materiais didáticos que utiliza com seus alunos.

E mais: torna-se até natural, para estes docentes, quando apresentam tópicos da temática de seus programas de ensino, iniciá-los anunciando o assunto (tema) das aulas colocando perguntas pertinentes ao mesmo e convidando os alunos a pensarem perguntas que porventura eles tenham, também, a respeito.

Trata-se de uma estratégia que pode ser motivadora do interesse, ao menos inicial, pelo tema e que faz parte do que se pode denominar de uma “pedagogia da pergunta”. Uma ideia, a da “pedagogia da pergunta”, que pode muito bem tomar o lugar do que tem sido denominado de “pedagogia das respostas”. Em nossas escolas ainda predominam as pedagogias das respostas prontas: para os alunos são oferecidas respostas para perguntas que não fizeram!

Paulo Freire e Antonio Faundez, no livro *Por uma Pedagogia da Pergunta* (1985), dizem isso e algo mais com relação à importância pedagógica de se buscar ajudar a formar pessoas que saibam perguntar bem.

O livro é escrito na forma de um diálogo entre os dois autores, como nas seguintes passagens:

ANTÔNIO: Acho, então, que é profundamente democrático começar a aprender a perguntar. No ensino esqueceram-se das perguntas, tanto o professor como o aluno esqueceram-nas, e no meu entender todo conhecimento começa pela pergunta. Começa pelo que você, Paulo, chama de curiosidade. Mas a curiosidade é uma pergunta! Tenho a impressão (e não sei se você concorda comigo) de que hoje o ensino, o saber, é resposta e não pergunta.

PAULO - Exato, concordo contigo inteiramente! É isto que eu chamo de “castração da curiosidade”. O que está acontecendo é um movimento unilinear, vai de cá pra lá e acabou, não há volta, e nem sequer há uma demanda; o educador, de modo geral, **já**

traz a resposta sem se lhe terem perguntado nada! (Freire; Faundez, 1985, p. 24. Negritos nossos)

Freire, em passagem um pouco adiante diz o seguinte:

O autoritarismo que corta as nossas experiências educativas inibe, quando não reprime, a capacidade de perguntar. A natureza desafiadora da pergunta tende a ser considerada, na atmosfera autoritária, como provocação à autoridade. E, mesmo quando isto não ocorra explicitamente, a experiência termina por sugerir que perguntar nem sempre é cômodo (idem, p. 24).

A partir daí, ele desenvolve uma arrazoado interessante sobre o que é perguntar, intercalando exemplos de suas vivências. Diz da necessidade de educadores(as) serem formados(as) como perguntadores/indagadores, pois, só assim, conseguiriam, nas suas práticas com educandos(as) ajudá-los(las) a o serem também. Na sua formação, diz ele, devem “... viver a pergunta, viver a indagação, viver a curiosidade, testemunhá-la ao estudante. O problema que, na verdade se coloca ao professor é o de, na prática, ir criando com os alunos o hábito, como virtude, de perguntar, de “espantar-se” (idem, p. 25).

Os dois autores insistem em afirmar que o perguntar é o primeiro passo para a produção de conhecimentos. Passo este que é dado pelo que dizem ser o “espantar-se”, o “admirar-se” por tudo o que percebemos à nossa volta e em nós. Eles citam pensadores gregos, como Platão, que afirmam ser o espanto, ou a admiração, a origem do filosofar. Aqui eles colocam estas duas qualidades humanas (tão vivas e fortes nas crianças), como a origem de todo o conhecimento verdadeiramente construído ou reconstruído em cada pessoa. Infelizmente, a curiosidade, a admiração, o espantar-se, tão fortes nas crianças, enfraquecem ou mesmo morrem, quando, no seu processo educativo, elas não são alimentadas e sim sufocadas. Nesta direção diz Freire:

Volto a insistir na necessidade de estimular permanentemente a curiosidade, o ato de perguntar, em lugar de reprimi-la. As escolas ora recusam as perguntas, ora burocratizam o ato de perguntar. A questão não está simplesmente em introduzir no currículo o momento das perguntas, de nove às dez, por exemplo. Não é isto! A questão nossa não é burocratização das perguntas, mas reconhecer a existência como um ato de perguntar! (...) quando uma pessoa perde a capacidade de assombrar-se, **se burocratiza** (idem, p. 27. Negrito nosso).

Quando, aceitando as informações (respostas prontas) das mídias sociais, dentre elas, hoje, as das plataformas algoritmizadas da IA, sem se assombrar, sem espantar-se, sem perguntar ou indagar de sua veracidade, as pessoas podem se algoritmizar, ou se plataformizar, ou o que é o mesmo, se

burocratizar. Tonam-se autômatos e não autônomos na orientação de suas experiências de vida. Ser autômato é ser guiado por um mecanismo já dado pronto por outrem.

Queremos isso para nós, para nossos filhos, para nossos alunos? Que tal pensarmos em perguntas (os *prompt*) a serem feitas à IA, por exemplo?

2. Sobre *prompt* e sua importância na IA

Fiz uma experiência ao fazer uma pergunta à IA, mais precisamente ao ChatGPT sobre o que é um *prompt*. Transcrevo a resposta obtida:

Um *prompt* de IA é uma instrução, pergunta ou comando em linguagem natural que você envia a um sistema de Inteligência Artificial (IA), como o ChatGPT ou Gemini, para guiá-lo a gerar uma resposta, texto, imagem ou ação específica, sendo essencial para direcionar o comportamento da IA e obter resultados relevantes. Pense nele como o ponto de partida ou o "gatilho" que informa à máquina o que você quer, podendo variar de um pedido simples a um detalhamento complexo, e sua qualidade define a qualidade da resposta da IA.

Em resumo, o *prompt* é a sua forma de "conversar" com a IA definindo o que você espera dela em cada interação.

Fiquei satisfeito, por enquanto, e resolvi perguntar o que estimula ou melhora o pensamento crítico, visto que, para mim, uma das características básicas do pensamento crítico é a de saber formular boas perguntas. A resposta foi a seguinte:

Para melhorar o pensamento crítico, cultive a curiosidade, questione premissas, busque diversas fontes e analise a relevância dos dados, desenvolvendo a capacidade de reconhecer vieses e formar opiniões fundamentadas através da prática contínua de resolução de problemas e debates, aceitando também a possibilidade de mudar de ideia.

E, nesta resposta, acrescentou “atitudes essenciais para o pensamento crítico” elencando-as assim:

1. Seja Curioso e Questionador: Não aceite informações superficialmente; **pergunte** "por que", "como" e "e se" para aprofundar seu entendimento.
2. Pratique a Escuta Ativa e a Tolerância: ouça pontos de vista divergentes, entendendo o lugar de fala do outro e aceitando a pluralidade de ideias.

3. Busque Múltiplas Perspectivas: analise um assunto por diferentes ângulos para ter uma visão mais completa e equilibrada.

4. Reconheça seus Vieses Cognitivos: Esteja ciente de seus próprios preconceitos e emoções para não limitar seu raciocínio ou tomar decisões tendenciosas.

Aqui também gostei, especialmente o que consta no item 1 desta resposta que aponta para a necessidade de ser questionador não aceitando informações superficialmente, fazendo perguntas.

Por que não seguirmos estas indicações da própria IA? Não apenas em aulas de filosofia (sempre necessárias!), mas em todas as disciplinas dos currículos escolares.

Com relação a aulas de filosofia, em artigo com o título “Novos desafios para a educação na Era da Inteligência Artificial”, Azambuja e Ferreira da Silva afirmam:

Na filosofia, sobretudo, constantemente **fala-se em aprender e ensinar os estudantes a fazerem a perguntas certas**. A filosofia tem seu momento lógico inicial na boa fixação de um problema que, idealmente, pode ser colocado na forma de uma pergunta. Assim, **uma parte importante do processo de ensino-aprendizagem na era da inteligência artificial é como nós, professores, aprendemos e ensinamos nossos alunos a fazerem as perguntas certas para os sistemas de IA**, ou seja, **como fazer os melhores *prompts*** para obter as melhores respostas geradas pelas diferentes tecnologias de IA ((2024, p. 16. Negritos nossos)

E acrescentam uma pergunta importante:

Em todo caso, a grande questão ética e educacional da IA no fundo não se reduz àquilo que nós podemos fazer com a IA, mas também e principalmente *o que nós queremos e devemos fazer com a revolução da IA?* Ou seja, qual é a direção que, como civilização, nós queremos dar a essa nova era que se avi

zinha no horizonte? Como nós vamos educar professores e pesquisadores e como vamos formar as novas gerações de universitários nesse espírito de criatividade, proatividade, responsabilidade ética e moral no contexto da Era da Inteligência Artificial? (Idem, ibidem).

Uma pergunta ou um questionamento importante, aqui dirigido à inevitável presença da IA em nossas vidas, mas que se aplica a todos os aparatos das mídias sociais. Uma das coisas que podemos querer fazer com relação à tão forte presença dessas mídias é a busca, até teimosa, de ajudar crianças e jovens a desenvolverem cada vez mais sua criticidade. O que começa com o buscar

alimentar seu espírito questionador, ou “perguntador”. Em especial ajudá-los(as) a perguntar pelas razões (pelos argumentos) que possam comprovar as informações (as respostas) que lhes são apresentadas pelos adultos (nas famílias, nas escolas e nos demais ambientes de suas vivências) e, ainda, nos diversos meios de comunicação social (nas mídias sociais).

O que entender por “desenvolver a criticidade”?

3. Sobre criticidade e educação

A atitude de analisar e de julgar com cuidado e atentamente, questionando as bases das afirmações recebidas ou produzidas, é o que se espera de alguém dotado de pensamento ou de espírito crítico. Ou de criticidade.

Pensamento crítico tem a ver com crítica, palavra de origem grega, que significa arte de julgar e analisar; ou a capacidade de emitir um juízo apreciativo, seja do ponto de vista estético, lógico ou epistemológico.

Pode-se afirmar que o pensamento crítico é uma exigência do que se costuma denominar de “pensar bem”. Pensar bem envolve alguns aspectos importantes de nossa maneira de pensar como a reflexão que é a atitude de retomada dos pensamentos para os “pensar de novo” tendo em vista aprimorá-los. Atitude cada vez mais necessária nessa nossa realidade na qual há convites à rapidez, ao imediatismo, que parecem dispensar o hábito da reflexão. Afirmações e atitudes não bem pensadas carregam riscos para as pessoas. No processo educacional devem estar presentes ações voltadas ao desenvolvimento do pensamento reflexivo o qual precisa estar acompanhado do pensamento crítico. Este último, um aspecto do pensar bem que busca colocar “em crise”, colocar em dúvida, inicialmente, o que pensamos e o que recebemos como resultados de pensamentos de outras pessoas veiculados através dos mais diversos meios, como já apontado.

Trata-se de colocar em crise os “achados”. Aachamos muito, mas sabemos pouco, como tenho escrito em outros textos: algo que ocorre, por falta do hábito de “checar melhor”, colocar em crise, problematizar o que pensamos e as informações que recebemos. Rever, pela reflexão, não é suficiente: é preciso rever de maneira crítica. O que é otimizado com a ajuda dos outros nos momentos de diálogo nos quais pontos de vista são expostos, trocados, avaliados e, se necessário, revistos.

Chauí (2003), ao dizer da criticidade como um dos aspectos fundamentais do pensamento filosófico (mas não exclusivo dele) afirma que nela há um lado negativo e um positivo. Ambos decorrentes do bom esforço reflexivo. O negativo é capaz de “dizer não aos “pré-conceitos”, aos “pré-juízos”, aos

fatos e às ideias da experiência cotidiana, ao que “todo mundo diz e pensa”, ao “estabelecido.” (Idem, p. 18). O positivo nos faz perguntar “sobre o *que* são as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os comportamentos, os valores, nós mesmos e interrogar sobre o *porquê* e o *como* disso tudo e de nós próprios. “O que é?”, “Por que é?”, “Como é?”. (CHAUI, 2003, p. 18). Ela aponta para três sentidos da palavra crítica:

A palavra “crítica” vem do grego e possui três sentidos principais: 1) capacidade para julgar, discernir e decidir corretamente; 2) exame racional de todas as coisas sem preconceito e sem pré-julgamento; 3) atividade de examinar e avaliar detalhadamente uma ideia, um valor, um costume, um comportamento, uma obra artística ou científica. (Idem, p. 18).

De bons julgamentos propiciados por um processo reflexivo e crítico de discernimento, pode-se esperar encaminhamentos, também bons, para decisões, as quais não dependem somente deste aspecto da racionalidade humana, pois há sempre o peso legítimo das emoções. O equilíbrio entre esses dois aspectos talvez deva ser o melhor caminho a ser seguido.

Bons juízos (ou bons julgamentos), resultados também do bem pensar que é reflexivo e crítico, são bons companheiros de nossas ações. Lipman (1995), aponta como uma necessidade educacional o fortalecimento do julgamento (vide 1995, p.235) entendido como sendo o conjunto de procedimentos educacionais que favoreçam o bom exercício do julgar. As escolas, de modo geral, não se empenham no desenvolvimento da capacidade de bem julgar e as famílias pouco prestam atenção a isso. “Se as escolas fossem capazes de ensinar nossos filhos a exercitarem um julgamento melhor, isto os protegeria contra aqueles que os inflamam com preconceitos e os manipulam com doutrinações”. (1995, p. 236).

Esta “proteção” é, hoje, mais do que urgente diante da avassaladora presença (para não dizer invasão) das mídias sociais ampliada pelo advento da IA.

Pelo fato de o ensino da filosofia, quando ocorre voltado também ao aprendizado do filosofar, ser um forte vetor de desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico, deve ser sempre defendido. Lipman defende que seja posto à disposição das crianças e jovens, o mais cedo possível: “Talvez em nenhum outro lugar a filosofia seja mais bem-vinda do que no início da educação escolar, até agora um deserto de oportunidades perdidas.” (1990, p. 20). E diz ainda: “A filosofia oferece um *fórum* no qual as crianças podem descobrir, por si mesmas, a relevância, para suas vidas, dos ideais que norteiam a vida de todas as pessoas.” (1990, p.13). Crianças e jovens podem, com este ensino, receber ajuda para não serem passivas frente a tudo o que chega a eles e a elas e sim ativas no exame crítico do que lhes é oferecido. Esta é a ideia de Lipman, Sharp e Oskanyan:

Para muitos adultos a experiência de se admirar e refletir nunca exerceu nenhuma influência sobre suas vidas. Assim, estes adultos deixaram de questionar e de buscar os significados de sua experiência e, finalmente, se tornaram exemplos de aceitação passiva que as crianças acatam como modelos para sua própria conduta. Desse modo a proibição de se admirar e questionar se transmite de geração para geração. Em pouco tempo, as crianças que agora estão na escola serão pais. Se pudermos, de algum modo, preservar o seu senso natural de deslumbramento, sua prontidão em buscar o significado e sua vontade de compreender o porquê de as coisas serem como são, haverá uma esperança de que ao menos essa geração não sirva a seus próprios filhos como modelo de aceitação passiva. (1994, p. 55).

Este é um apelo à não passividade frente a tudo que nos vem, por exemplo, das mídias sociais. Ele deve ser cada vez mais forte com vistas a evitar que tenhamos uma sociedade majoritariamente de autômatos e não de pessoas autônomas, como já dito anteriormente

Gallo (2007, p. 19), ressaltando não ser exclusividade de aulas de filosofia a contribuição para o desenvolvimento do pensamento crítico. não deixa de apontar a criticidade como uma das principais características da filosofia, pois ela “... possibilita uma postura *crítica radical*: a atitude filosófica é a de não-conformação, do questionamento constante, da busca das razões das coisas, não se contentando com respostas prontas e sempre colocando em xeque as posturas dogmáticas e as certezas apressadas. (Idem, p. 22).

Não faltam exemplos, de todos os lados, de oferta de posturas dogmáticas e de certezas apressadas. A educação, de modo geral e, em especial, a educação escolar, precisa estar atenta a isso e precisa buscar caminhos para o desenvolvimento de uma maneira de pensar que se oponha a estes dois aspectos que infestam o imaginário social com as consequências que não é difícil de se perceber.

Não faltam pensadores que defendem a importância/necessidade do desenvolvimento do pensamento crítico. E, até para certa surpresa minha, encontrei numa plataforma de IA (com a ajuda de meu neto Gustavo, de 12 anos) interessantes ideias a respeito da necessidade do pensamento crítico, a partir da seguinte pergunta (ou *prompt*): Por que dizem que as pessoas precisam ser críticas em relação às respostas da IA? Recebi o seguinte:

Dizem que as pessoas precisam ser críticas em relação às respostas da IA por alguns motivos bem importantes:

1. IA não pensa — ela prevê. A IA não “entende” o mundo como um humano. Ela: analisa padrões de linguagem, calcula qual resposta parece mais adequada, não tem

consciência, intenção ou senso moral. Ou seja: uma resposta pode soar convincente e ainda assim estar errada.

2. A IA pode errar (e errar bonito)

Mesmo quando escreve com segurança, a IA pode: misturar fatos, usar dados desatualizados, inventar referências (o famoso “alucinar”); simplificar demais questões complexas. Isso é especialmente perigoso em áreas como: saúde, direito, política, história. (Poderíamos acrescentar: educação).

3. Ela reflete vieses humanos

A IA aprende com textos humanos — e humanos têm: preconceitos, interesses políticos, visões parciais do mundo. Então, respostas podem reproduzir vieses sem avisar.

4. Linguagem persuasiva ≠ verdade

Um dos maiores riscos é esse: “Se fala bem, deve ser verdade.” Mas a IA é ótima em retórica, não em garantia de verdade. Pensamento crítico serve justamente para separar: argumento bem escrito de argumento bem fundamentado.

5. Pensar criticamente é não terceirizar o juízo

Quando alguém aceita tudo que a IA diz sem questionar: enfraquece o próprio senso crítico; passa a “delegar” decisões importantes; corre risco de manipulação (mesmo que não intencional). A IA deve ser: uma ferramenta; não um substituto do pensamento.

Em resumo

Ser crítico diante da IA significa: verificar informações; questionar premissas; comparar fontes; usar a resposta como ponto de partida, não como sentença final.

Ironia fina da vida moderna: quanto mais “inteligente” a ferramenta, mais crítico precisa ser o usuário.²

Aqui, também, para além da surpresa, fiquei quase completamente satisfeito com a resposta que pode merecer análise mais aprofundada. Talvez a última afirmação nos sirva de alerta quanto à necessidade de nós, usuários da IA, das redes sociais e dos demais meios de comunicação de massa, buscarmos ser cada vez mais críticos diante de plataformas/soluções consideradas muito “inteligentes”. Especialmente no nosso, cada vez mais fundamental trabalho, como educadores e educadoras.

² Este material foi obtido junto ao Aplicativo ChatGPT da Open AI em 24/01/2026.

4. O que concluir?

Há várias conclusões possíveis; a principal talvez seja a de que, nas ações educativas, não se possa deixar de buscar, a par da transmissão de informações (sempre necessárias para que as novas gerações não tenham que “começar muita coisa do zero”), também o necessário desenvolvimento do “pensar bem” que inclui forte ajuda para que crianças e jovens desenvolvam reflexividade, criticidade, ajuizamentos bem fundamentados e outras características desse pensar bem. Um pensar bem alimentado por muitas e boas informações e pelo muito bom desenvolvimento das características e disposições que o compõem. Todas as pessoas necessitam de informações e de saber pensá-las e repensá-las bem tanto para poderem dispor de entendimentos os mais corretos possíveis sobre tudo e sobre si mesmas como para poderem dispor dos recursos de análises críticas e bem refletidas a respeito delas e de sua utilização nos encaminhamentos que pretendem dar à própria existência.

Dentre as fontes de informações, hoje disponíveis, parece-nos ainda mais urgente ajudar as pessoas a serem capazes de um bem pensar (reflexivo e crítico) face às das mídias sociais e, dentre elas, às advindas através dos recursos da denominada Inteligência Artificial.

A educação em geral e a educação escolar, em especial, não podem ficar alheias a esta urgência da qual decorre a da atualização não menos urgente da formação dos(as) educadores(as).

REFERÊNCIAS

AZAMBUJA, Celso Candido de e SILVA, Gabriel Ferreira da. Novos desafios para a educação na Era da Inteligência Artificial. In: *Filosofia Unisinos - Unisinos Journal of Philosophy*. Unisinos: Vale dos Sinos, RS: 2024, n. 25(1), p. 1-16.

CHAUÍ, Marilena. *Convite á Filosofia*. São Paulo: Ática, 2003.

FREIRE, Paulo e FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GALLO, S. e KOHAN, W. O. *Filosofia no Ensino Médio*. Petrópolis. Vozes, 2000.

GALLO, Sílvio. A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade. In: SILVA, Renê J. T.; GOTO, Roberto. *Filosofia no ensino médio: temas, problemas, propostas*. São Paulo: Loyola, 2007.

LIPMAN, Matthew. *O pensar na educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. *A filosofia vai à escola*. São Paulo: Summus, 1990.

LIPMAN, Matthew; OSKANIAN, F.; SHARP, Anna M. *A filosofia na sala de aula*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

Autor:

Marcos Antônio Lorieri.

Licenciado em Filosofia pela USP, com mestrado e doutorado em Filosofia da Educação pela PUCSP, tendo sido professor de Filosofia na rede pública do Estado de São Paulo e em escolas particulares, Diretor de Escola pública e professor de Filosofia da Educação na PUCSP e no PPGE da UNINOVE. Atualmente é aposentado participando ativamente do GRUPEFE (Grupo de Pesquisa em Filosofia da Educação) da UNINOVE/CNPQ.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2474684049522416>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6631-2574>